

5 f h] [c g

Com não menor brilho, os autores sagrados também recordaram em diversos lugares esta inegável verdade: “Não avalies um homem pela sua aparência, não desprezes um homem pelo seu aspecto” (Ec 11,2). Desta tendência nos advertiu o próprio Divino Mestre (Cf. Jo 7,24).

Sem contrariar esta incontestável verdade, pode-se dizer que nem sempre a exterioridade é desnecessária, pois a Sagrada Escritura, ao mesmo tempo que adverte contra a vaidade da beleza feminina, da



juventude ou de qualquer outra forma de aparência, apresenta por mais de 50 vezes a palavra “esplendor” como atributo da grandeza divina; por sua vez, o Vaticano II relembra seu papel quatro vezes. A aparência, pois, não é supérflua para a teologia...

A análise das substâncias químicas demonstra que na maioria dos casos existe correspondência entre os elementos da natureza e sua aparência estética. Em razão desta realidade palpável, a metafísica

5 f h] [c g

tomista nos explica que a essência se coaduna com sua manifestação. Os transcendentais não são de tal forma distintos que se possam separar a verdade ou a bondade ontológicas da beleza. Existe, portanto, plena reversibilidade entre eles¹. Portanto, o ente e o belo se identificam, pois “o pulchrum e o bonum em certo sujeito são idênticos, porque se fundam sobre a mesma coisa, a saber, sobre a forma, e por causa disto, o bem é louvado como belo”². São Tomás não tem receio de ressaltar a preeminência do belo sobre a bondade na perspectiva do conhecimento: “o pulchrum supera o bonum na ordem cognoscitiva, porque o que é qualificado como bonum compraz simplesmente o apetite, enquanto que o que é denominado belo compraz a apreensão da coisa”³. De fato, as aparências nem sempre enganam...

Se a beleza é necessária à perfeita intelecção do universo criado, o é com muito maior razão para a teologia a qual tem como objeto o Ser em sua plenitude: Deus. A Via Pulchritudinis não apenas prova a existência divina, mas torna-se indispensável ao conhecimento completo de qualquer verdade, inclusive a católica. A beleza é, portanto, necessária ao estudo, ao ensino e ao aprofundamento da teologia.

De fato, o maravilhamento é o segredo didático a fim de descortinar o panorama da verdade, pois como ensina o Aquinense: “o pulchrum e o bonum são a causa do movimento das mentes e das almas”⁴. Já Santo Agostinho afirmava ser o amor o princípio, meio e fim de nossa vontade⁵, enquanto, segundo São Gregório Magno, somente com o amor se pode conhecer algo de forma perfeita⁶. Vemos, pois, que a beleza nos estudos teológicos é essencial para mover o coração humano à sede do conhecimento de Deus e de seu filho Unigênito. Quando se trata de considerar a essência e os atributos de Deus, de Jesus Cristo, da Igreja e de Maria, da natureza criada e do próprio homem, torna-se mister manifestar a sua beleza, pois sem ela não pode haver atratividade, nem amor, nem verdadeiro e pleno conhecimento teológico.

Um grande tomista do século XX, o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, observava ser necessário que o bonum e o verum se tornassem conhecidos e amados, uma que vez existem. Se o homem não conhece

&#

5 f h] [c g

apenas por meio de silogismos, mas possui instintos e sentidos que o levam a captar diretamente a realidade, não basta que o verum e o bonum sejam compreendidos por via dedutiva. Eles devem ser conhecidos também na ordem dos instintos e dos sentidos, tanto físicos quanto intelectivos. Para isso é necessário que o bem e a verdade se apresentem com beleza⁷. Ou os alunos de teologia sentem que, embora árdua, a via do esforço intelectual é bela e sublime, ou o ensino está fracassado. A pulcritude da teologia deve despertar no jovem a sede de heroísmo e de aprofundamento⁸.

Tendo este princípio como fundamento, os institutos de teologia e filosofia dos Arautos do Evangelho apresentam esta retrospectiva do ano de 2010 a fim de testemunhar o amor à verdade fortificado pelo impreterível papel da beleza. (Retrospectiva 2010: Instituto Teológico São Tomás de Aquino e Instituto Filosófico Aristotélico-Tomista, p. 4)

Notas:

1 Cf. São Tomás de Aquino, In I Sententiarum Dis.8, Qu.1, Art.3

2 S. Th. Prima Pars, Qu.5, a.4; In I Sententiarum Dis.31, Qu.2, Art.1.

3 S. Th. Prima Secundae, Qu.27, a.1.

4 Thomae A., In Dionysii De Divinis Nominibus Cap.4 Lec.8.

5 Santo Agostinho, In epistulam Iohannis ad Parthos tractus, 10, 4: PL 35, 2056-2057.

6 São Gregório Magno, moral, 23,17 PL 76,269.

7 Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA. Plinio. Conferência. 15 fev. 1989. Arquivo ITTA-IFAT.

8 Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA. Plinio. Conferência . 5 fev.1985. Arquivo ITTAIFAT.

' #